

simples conserva o sentido primitivo latino. *Amára* (*amaveram*), tinha amado.

Nas demais linguas em que existe o *mais que perfeito*, a sua função é simplesmente de condicional: *amara, teria amado*. Esta função também cumulativamente com a outra existe na lingua vernacula.

O **futuro** indica que a acção do verbo se realizará depois do momento em que se fala: *irei* na proxima semana.

Faz a função do imperativo: *honorarás* pae e mãe.

E também (função importante e delicadissima pela subtilidade da idéa) serve para indicar incerteza, ou simples avaliação approximativa: "*lerá*, mas não entende"; *haverá* cinco annos", isto é, mais ou menos cinco annos. São phrases que differem dest'outras: "*lé*, mas não entende; *ha* cinco annos".

O futuro indica a acção relativamente a qualquer tempo nas fórmulas compostas: *hei de fazer* o que pedes, ou *pedires, pedias, pediste*.

Esta composição pelo verbo *haver* é a propria do futuro simples: *amar-ei* (*amar-hei*).

O *imperativo* não é de uso nas orações negativas. É então substituida pelo *subjunctivo presente*:

Faze — não faças.
Dizei — não digaes.

Vinde logo e não deixeis coisa alguma das vossas alfaias (Vieira), *Apud.* F. Costa.

O **modo indicativo** exprime o facto real; e o **subjunctivo**, o facto contingente.

O emprego do **subjunctivo** vêr-se-á melhor tratando da correlação dos tempos.

A *interrogação* é só possível no indicativo e no condicional:

Quererás morrer ?
Quererias morrer?
Quem o disse?
Quem havia de dize-lo?

O *condicional* por vezes é substituído pelo imperfeito do indicativo nas orações que se compõem com outros condicionaes. (1)

Eu *escrevia* (ou *escreveria*) se tivesse tempo.
Eu *trabalhava* (ou *trabalharia*) não fosse a doença.

CORRESPONDENCIA (2)

Na correlação dos tempos só importa conhecer os casos em que os verbos se correspondem em *modos* differentes.

1. Fica o verbo da proposição subordinada no modo subjunctivo, quando a principal exprime receio, duvida:

Receio que morras.
Não sei se escreva.

Não é de rigor. Póde-se dizer: temo que *morrerás*; não sei si *escreverei*.

2. O verbo da subordinada fica no subjunctivo, quando o verbo da principal é impessoal ou usado impessoalmente: *importa que fiques, basta que chegues á hora.*

(1) Tambem nas orações obrigatorias: Elle disse que *vinha* (ou *viria*) logo que pudesse vir.

(2) A *correlação* dos tempos não me parece capitulo indispensavel, ainda que para corresponder á tradição das grammaticas e do ensino, aqui se incluam algumas observações. Não só as regras são todas lacunosas, como a verdade geral é que só o sentido, positivo ou hypothetico, isto é, o modo e não os tempos, determina o uso. Dizer que quando o sentido é incerto ou hypothetico o verbo vae para o subjunctivo, é nada dizer, pois isso decorre da definição de subjunctivo.

Esta regra tem excepções: com os verbos *acontecer*, *resultar*, *seguir-se* e com as construcções *é certo que*, *é logico que*, etc.:

Acontece que *tens* de vir.

E' certo que *esteve* doente.

3. Quando a subordinada está ligada á principal por um pronome conjunctivo *que*, *qual*, *cujo*, etc., o verbo será do subjunctivo ou do indicativo, conforme o sentido fôr positivo ou incerto:

O caminho que *sei*.

Um caminho que eu *saiba*.

Quero o professor que *sabc*.

Quero professor que *saiba*.

Note-se que a analyse da phrase pôde indicar o modo da subordinação. Com os adjectivos determinativos ou numeraes *este*, *primeiro*, *segundo*, *aquelle*, o verbo será do indicativo: é o primeiro *dia* que passo; é *este* que eu quero. Quando o antecedente do *que* vem determinado pelo artigo definito, em geral o verbo da subordinação fica no indicativo: a doutrina que *sigo*, a mais perfeita que *conheço*.

4. Depois da conjuncção *se*, a clausula subordinada tem o verbo no indicativo, quando exprime factos positivos: *se estudo* pouco, a culpa é minha.

Quando a clausula subordinada exprime duvida ou condição, fica no subjunctivo: *se eu fosse*, tu não irias.

5. As conjuncções *embora*, *quer*, exigem o verbo no subjunctivo:

Farei a viagem, *quer* ella *venha*, quer não.

Embora fique doente, trabalharei.

Tambem ficam incluídas nesta regra as conjuncções compostas de *que*: *comtanto que*, *ainda que*, etc., que pedem, em geral, o subjunctivo.

Com o adverbio *talvez* pode empregar-se o subjunctivo como mais raramente o indicativo:

Homero talvez *errou* (ou talvez *errasse*).

Os demais tempos não offerecem difficuldades de correlação.

O *presente* também é empregado por effeito pittoresco, no estylo historico e em logar do tempo passado:

“Jesus, ao ver os cegos e paralyticos, chega-se para perto e lhes *fala*, etc.”

E no estylo descriptivo:

“Vae esta estrada sempre em voltas por um vale, etc.”
(J. Vasconc., *Tav. Redonda*, 227.)

VII

Syntaxe das fórmãs nominaes do verbo.

Infinitos e participios

As fórmãs *nominaes* do verbo são as que podem exercer a função de nomes, substantivos ou adjectivos.

E são o *infinitivo*, o *gerundio* e os *participios*.

A natureza nominal do infinito era já conhecida de Prisciano: *Vim nominis habet verbum infinitum; dico enim. bonum est legere, ut si dicam bona est lectio.*

1. — INFINITIVO

O infinito portuguez é dotado da flexão pessoal: *amar eu, amares tu*, etc.

Força é confessar que o saber empregar a flexão pessoal é mais da *estylistica* do que da *grammatica*.

Aquella particularidade tambem se observa num dialecto sardo e constitue um idiotismo da lingua. A flexão do infinito pode applicar-se pela influencia analogica do futuro do subjunctivo, que tem a fórmula identica nos verbos regulares: *quando eu amar, amar eu*, etc., e até na linguagem do povo a confusão é frequente: *quando eu dizer, quando eu disser*; facto que é tanto do Brasil como de Portugal.

Hoje, entretanto, a doutrina mais seguida é fundada em exemplos do portuguez antigo, que se repetiram até o século XVI, entre os quinhentistas, é que o *infinito pessoal* não é senão o subjunctivo imperfeito que se julgava perdido na passagem do latim para o portuguez. Maiores explanações daremos neste livro na parte da *etymologia*.

Emprego do infinito pessoal:

1. Quando tem um sujeito differente do do outro verbo:

“Admiro-me de *gritares* com tão grande força.”

E' apenas um uso em que se recommenda a clareza, qualidade sempre recommendavel. A respeito, porém, d'esta regra, como de outras, ha sempre exemplos em contrario.

2. Quando, tendo sujeito, é sujeito d'outra proposição:

“E' triste *definhares* com tão pequeno pezar. E' facil *defenderem-se.*”

3. Quando ha necessidade de clareza na phrase:

Comprei estes livros, meu filho, para *estudares* (tu).
Comprei estes livros para *estudar* (eu).

4. Em proposição em que o infinito é o unico verbo claro:

“Morrerem todos de surpresa e sem gloria !”
“Saires *sem licença* ?”

5. Quando o sujeito, differente do do verbo principal, é posposto ao infinito:

“Ficou surprehendido de não *estarem os soldados* devidamente em ordem.”

“Ou succeda *topar eu* comvosco, ou vós commigo, sempre ficareis inteira e eu quebrada.” (Bernardez.)

6. Quando, usando verbos compostos, como *ver sair, ouvir cantar*, etc., cada um tem sujeito proprio:

“Vejo *erguerem-se* no horizonte algumas velas.”
“Vimos as ursas *banharem-se* nas aguas.”

Lus., V, 15.

É um caso da regra primeira.

7. Os verbos usados pronominalmente, quando trazem no infinitivo anteposto o pronome obliquo, adquirem flexão pessoal:

“E querendo nós haver fala para *nos* informarmos d'elle...” (F. Mendez Pinto, Cap. 3.)

Não é de rigor.

8. Não se emprega o infinito pessoal, quando a fórmula verbal é empregada em sentido passivo, como, p. ex.: é de *crer*, de *suppor*, de *louvar* (em vez de *crer-se*, *louvar-se*, ou digno de *ser crido*, *ser louvado*).

“Parecé-nos para *louvar* suas intenções.” (1)

Por translação, o *infinitivo* é usado como imperativo, e, ás vezes, reduplicado: “*Trabalhar! trabalhar! meus filhos*”.

Este uso tambem se encontra no castelhano (*Gram. da Acad. hesp.*). Tambem o substantivo pôde exercer identica funcção: *trabalho! trabalho! o tempo é breve.* (2)

(1) As regras geraes com que J. Soares Barbosa suppunha resolvida a questão do infinito, são antes considerações desconexas, sem valor theorico nem pratico. Um grammatico de merito (Ferreira de Andrade Junior, *Gramm.* 1850) resume-as no seguinte conceito quasi inintelligivel: — *O infinitivo pessoal é empregado quando a idéa de existencia por elle enunciada é correlata immediatamente ao seu sujeito* — regra que talvez servirá para analysar o exemplo que se tiver de antemão collido.

Leia-se no lugar proprio o *Dicc. gramm.* do autor.

(2) Um dos factos mais notaveis relativos á syntaxe do infinitivo, nas linguas romanicas, é a construcção de proposições com o infinitivo. Semelhante pratica em latim só se dá com *interest* (= ha differença) v. g.: *Aristo et Pyrrho inter optime valere et gravissime aegrotare nihil prorsus dicebant interesse* (Cic., *de fin.*, 2, 13; Madv., § 391, obs). (Em nil — *praeter plorare* [Hor., *Sat.*, 2, 5, 69], *praeter* está adverbialmente, por *praeterquam*, do mesmo modo que em *ceterae multitudini* — *praeter* [excepto] *rerum capitalium damnatis* [Sall., *Cat.*, 36]. Em port.

2. — O PARTICÍPIO PASSADO

O *participio passado* é um verdadeiro adjectivo: homem *respeitado*, etc.

1. O participio, como attributo, é variavel, pois concorda com o sujeito: os velhos *são venerados*.

2. Com os verbos *haver, ter*, o participio é invariavel: tenho *recebido* cartas; havia *comprado* casas.

A syntaxe da lingua antiga e do seculo XVI era tímida e indecisa. Alguns classicos diziam: As cartas que eu tinha *escriptas*, etc. Entre os classicos, semelhante concordancia pôde ser explicada como sendo talvez um italianismo.

Nesse periodo, Caminha, que, aliás, adoptava muitas fórmas archaicas, como *são* por *sou* e *non* por *não*, sempre tornava variavel o participio:

“As náos tinha *dadas*.”

Camões, falando de flôres:

“Que ella dos olhos seus *regadas* tinha” (III, 132).

“E do Jordão a tinha *vista*.” (III, 27.)

E Fr. Luis de Souza:

“Tambem nos tinham *mortos* muitos e bons soldados.” (*Ann. de D. João III.*)

as proposições constroem-se não só com o simples infinitivo, senão até com orações infinitivas (v. g.: *por tu saberes*). A construcção de proposições com o infinitivo tornou-se tão familiar, que em portuguez, e em outras linguas románicas (v. M. Lübke, § 340), chegam a antepôr-se a infinitivos que exercitam as funcções de sujeito, facto de que não se deu ainda explicação satisfactoria. Do emprego de proposições com o infinitivo no baixo latim cita Diez (*Gr., Synt., IV, 8. 3*) textos que ascendem ás primeiras décadas do sec. VIII. (Epiphánio Dias — *Syntaxe hist.* 222.

Entre os participios da lingua portugueza notam-se os curiosos casos do sentido depoente, tão communs no latim. Em portuguez muitos participios de fórma passiva possuem o significado activo, conforme já em outro lugar observamos:

Homem lido	que leu.
Corrido	que correu.
Viajado	que viajou.
Ousado	que ousa.
Calado	que cala.

No estylo vulgar é commum dizer-se: estou *almoçado*; já veio *jantado*, etc. São os verdadeiros depoentes da lingua. E' certo que essa dupla e reciproca função de actividade e passividade passou a alguns vocabulos, verbos e substantivos, como: *hospede*, *hospedar*, *esmolar*, *aluguer*, etc. (Mario Barreto).

— A terminação dos participios da segunda conjugação era em *udo*, como já se notou:

<i>Estabelecudo</i>	estabelecido.
<i>Sabudo</i>	sabido.
<i>Conhoçudo</i>	conhecido.
<i>Reteúdo</i>	retido.

D'estas fórmas archaicas temos os vestigios já mencionados, *teúdo*, *conteúdo* e *manteúdo*.

— Fórmulas contraídas de flexão forte eram abundantissimas nos primeiros tempos e no seculo XVI e ainda no XVII.

<i>Despezo</i>	despendido.
<i>Defezo</i>	defendido.
<i>Escolheito</i>	escolhido.
<i>Absolto</i>	absolvido.
<i>Coito</i>	cozido.

“O papa Adriano V era já mui velho e achacado quando foi *assumpto* ao throno apostolico e o não logrou mais que trinta e nove dias.”

BERNARDEZ — *Floresta*.

Ha grande numero de fórmas etymologicas semelhantes que ainda estão em uso: *convicto*, convencido; *extenso*, extendido; *perverso*, pervertido; *extracto*, extraído; *frito*, frigidado; *possesso*, possuído; *tinto*, tingido; *surto*, surgido, etc.; algumas, porém, com sentido ou função differente.

O participio *escorreito*, de *escorrer*, é mais usado na locução: *são e escorreito*.

O uso dos participios nas expressões (do antigo ablativo latino): *preparadas as malas, partiu; feita a despedida*, etc., offerecem algumas particularidades idiomáticas:

A olhos *vistos*.

A olhos *vista*.

A olhos *visto*.

locuções de uso, ainda que de analyse difficil. Em Camillo: "Prosperou a *olhos visto* o commercio" — "a *olhos vistos* as mercancias" = restauravam-se as forças a *olhos vistos*. Exemplos colhidos, estes e outros, por João Curioso com excellente critica no seu livro *Camillo e as caturrices*.

Os nomes em *oso*, antes da disciplina classica, exerciam a função do participio do futuro em *ando*. Assim, encontram-se exemplos como o seguinte:

Amava muito a *venerosa* castidade.

E. DE ZURARA — 144.

Onde *venerosa* devia ser substituido por *veneranda*.

3. — PARTICIPIO DO PRESENTE

O participio do presente tem o valor de adjectivo.

É variavel quanto ao numero:

Flôr *odorante*.

Flôres *odorantes*.

Esta função já era propria do latim culto, e muito desenvolvida no latim barbaro.

A derivação verbal dos nomes em *ante*, *ente*, *inte*, muitas vezes transcorreu para a classe dos substantivos. São sub-

stantivos os nomes: *ente* (de *esse*), *tenente* (de *ter*), *sargento* (de *servientem*), *lente* (de *ler*), *doente* (de *dôer*), *poente* (de *pôr*), *levante* (de *lever*, fr.), *oriente* (de *orior*, nascer), *habitante*, *escrevente*, *ajudante*.

O participio presente tinha a funcção verbal com o complemento equivalente ao do gerundio:

Estabelecente esta regra...

— Estabelecendo esta regra...

Dizente estas cousas...

— Dizendo estas cousas...

Exemplos que occorrem na *Regra* de S. Bento:

Os quaes *temente* Nosso Senhor, e nostro senhor *complinte* todas estas cousas, etc. (*Apud* D. Vieira. *Dicc. Chrest.*)

Este uso começou a desaparecer desde o seculo XV. Camões ainda escreveu: "As perlas imitantes côr da aurora" Encontram-se ainda hoje alguns vestigios nos dizeres:

Tirante este defeito...

Durante as férias...

Homem *temente* a Deus...

Que equivalem á syntaxe trivial:

Tirando este defeito...

Em quanto duram as férias...

Homem que teme a Deus.

A's vezes a funcção do participio presente exige o complemento com preposição, como se vê em Fernão Lopez:

"Era muito amigo e *conhecente* d'aquelle Judeo, Dom David Negros". Chr. — 140.

E no mesmo Fernão Lopez não era rara a confusão de emprego do participio passado:

"Ayres Gomes havia formoso e bem *parecente* corpo."

E nas fórmãs de datas:

Dante em Lisboa, março...

— *Dada* em Lisboa...

4. — GERUNDIO

Tem o valor adverbial.

Amanhecendo, irei vel-o...

— Quando amanhecer...

Exemplo que exprime o *meio* ou *causa*:

Estudando, é facil aprender.

— Por meio do estudo...

— E' digna de nota a funcção do *imperativo* na linguagem viva, no dialogo:

— *Correndo*, vá buscar o chapéo.

(Veja Leo Spitzer — Das Gerundium als Imperativum — *Z. f. rom. Phil.*, XLII, 207. A observação feita quanto ao espanhol é applicavel igualmente ao portuguez.) (1)

(1) Escreve-me Firmino Costa:

"E' muito commum dizer-se *agua fervendo* em vez de *agua fervente*. S. de Vasconcellos, em seu livro citado, prefere esta fórma — "e as mesmas folhas pisadas, lançadas em *agua fervente*." pag. CXXXIII; Bernardez, em igual caso, usou de *fervendo* — "E quizera que a torrente *fervendo* do fogo infernal me estivera entrando pelos ouvidos." *Luz e Calor*, 374."

E' excessivo condemnar expressões como: um livro *contendo* orações. No francez, gerundio e participio presente confundem-se na mesma forma. Em portuguez a funcção do participio presente (ante, ente) desappareceu em proveito do gerundio que o substitue na linguagem vulgar.

— Traço differenciar entre o portuguez do Brasil e o de Portugal:

Está chorando

está *a chorar*

Ficou escrevendo

ficou *a escrever*

Ambas as construcções são portuguezas, mas a primeira syntaxe é a mais frequente e preferida no Brasil.

5. — PARTICIPIOS DO FUTURO

Os particípios do futuro são hoje usados como simples adjectivos ou substantivos, e são das seguintes classes:

1. Os particípios em *ouro*: *vindouro*, *immorredouro*, o que ha de vir, o que não ha de morrer.

Estes particípios desappareceram no portuguez, deixando apenas os vestígios citados, *vindouro*, *immorredouro*, e mais alguns vestígios em *eiro*:

Carta *mandadeira* (qué se ha de mandar).

Moça *casadeira* (que se ha de casar).

Na lingua antiga, porém, existiam em abundancia:

estabelecedouro

recebedouro, etc.

juras mentideiras. (*Ined. Alc.*, 1. 175.)

Podem ainda ser considerados como particípios do futuro os nomes que, hoje, aliás, têm a função de substantivos: *logradouro*, *matadouro*, *bebedouro*, *escoadouro*, *suadouro*, *future* (do verbo *esse*), etc.

2. Os particípios em *undo*: *furibundo*, *iracundo*, etc.

Estes particípios são, todos, neologismos importados do latim e do italiano pelos classicos e muito notavelmente por Camões. Citemos: *oriundo*, *sitibundo*, *puibundo*, *tremebundo*, *iracundo*, etc.

3. Os particípios em *ndo*: *reverendo*, *execrando*.

São particípios da voz passiva latina; representam neologismos classicos: *nefando*, *miserando*, *horrendo*, *estupendo*. Muitos d'elles foram introduzidos na lingua igualmente por Camões.

Filinto Elysio escreveu na *Ode XVIII A Liberdade*:

Mellificas abelhas,

Entre as azas do zephyro amparadas,

Vão demandar com vôo desejoso

As remotas devezas,

Que hão de adoçar c'os *fabricandos* favos.

Convém notar que a translação do sentido desviou de categoria a muitos d'estes participios que passaram a ser substantivos: *prebenda, prenda, vivenda, fazenda, addendo*, etc.

A este proposito é excellente a illustração que nos communica Mario Barreto, philologo de grande tomo.

Eis o que elle escreve:

“O participio latino de futuro passivo em *ndus, ndo*, de que há restos na lingua culta (*graduando, doutorando, elegendo, minuendo, subtraendo, venerando, reverendo*, etc., os quaes inda conservam a idea de passividade que tinham em latim) foi substituído por diversas perifrases, entre as quaes a de *para* com o participio passado: “Não é *para* dito o que ali aconteceu”. Dos exemplos que desta construção há nos bons autores, agora me contento com citar alguns, notáveis. Do padre Manuel Bernardes tomo os seguintes trechos: “Homem que não teme a morte, de todos é *para* temido”. (*N. Flor.*, I, 267.) — “E’ curta e pouco vistosa, mas nem por isso menos *para* respeitada, como ali diz o santo”. (*Ibid.*, 365.) — “E, ainda prescindindo do beneficio da ressurreição do corpo, que mais adiante se espera, e atendendo só à glorificação da alma, que antes disso se recebe, vem a ser a morte muito *para* desejada”. (*Ibid.*, II, 124.) — “Eis aqui, pois, como mais são *para* temidas as lágrimas dos pobres do que as armas dos inimigos”. (*Ibid.*, III, 89.) — Camilo, nos *Amores do diabo*, p. 6, edição de 1872, escreveu: “Tôda a dedicação profunda a um principio, quimérico ou positivo, espirital ou materialíssimo, é devoção *para* muito *respeitada*”. — Rui Barbosa, no discurso magistralmente clássico da Faculdade de Direito de S. Paulo (29 de março último) disse: “Dirão que tais trivialidades, cediças e corriqueiras, não são *para* contempladas num discurso académico, nem *para* escutadas entre doutores, lentes e sábios”.

No segundo dos trechos que acima trasladei da *Nova Floresta*, traduz o padre oratoriano por *menos para respeitada* um participio fut. passivo (*despiciendus, a, um, de despicio*) contido no seguinte trecho latino: “*Quod si brevis et informis videtur gladius ille, non est propterea despiciendus*”.

Camilo e Rui Barbosa empregam *despiciendo*, digno de ser desprezado, desprezível: “Dona Paula tinha uns dezóito contos, e nascimento ilustre, e graças não *despiciendas*. Lembrou-se o menestrel de fazer-se marido dela”. (*Cam.*, *Vinte horas de liteira*, p. 203.) — “Os rapazes de trinta anos não sabem o que são rivais de cinquenta e cinco; e às vezes

cumpria que o soubessem, porque nem sempre são *despiciendos*". (Id., *A filha do doutor Negro*, cap. VIII, p. 88.) — "Já nos não queremos deter em outro aspecto da questão, aliás, não *despiciendo* num estudo onde se quisesse apurar sèriamente a gravidade real da febre amarela no Brasil, co-tejada com a das outras regiões a ela ocasionadas". (Rui Barbosa, Editorial d-*A Imprensa* de 16-XI-1899.)

Dêmos exemplos do modo participio passivo, acompanhado da preposição *para* com elipse do verbo *ser* e de sentido idêntico, quer ao gerundio latino ou participio do futuro passivo, como outros lhe chamam, quer aos adjectivos em *vel*, como *amável*, *crível*, etc. Digamos ainda que o participio pode ser substituído pelo infinitivo e a preposição *para* ou *de*: *é de supor, era de crer, será de ver*; — *tal diagnóstico não é para afastar; os crocodilos não são para temer*, etc. O infinitivo activo com *de* e sentido passivo é muito clássico também depois de substantivos e adjectivos: *Fugir é facil de dizer, mas difficil de executar*".

VIII

Syntaxe das palavras invariáveis. Adverbio, preposição e conjuncção

As palavras invariáveis são os adverbios, as preposições, as conjuncções e as interjeições. (1)

A função do *adverbio* pôde ser exercida pelo *adjectivo*: comprou *caro*.

D'essa possibilidade originam-se usos especiaes, que convém notar.

a) Esses *adjectivos-adverbios* podem modificar outros nomes, ainda que tal uso não seja muito commum. E' de Barros o exemplo:

“As fustas andavam *melhor* remeiras.”

b) *Meio* pôde ser usado adverbialmente. O seu uso como *adjectivo* é, porém, mais auctorizado. (V. exemplos na Lexilogia.)

c) Igualmente os classicos preferiram o uso de *mesmo* como *adjectivo*: “O *mesmo* Deus desceu á terra”. Mas nunca hesitaram dizer: “agora mesmo, hoje mesmo”.

“Ora eu com esta roupeta remendada espero em Deus que *hoje mesmo* hei de dar a V. M. toda esta quantia.” A. Vieira. (2)

(1) Seria materia para um volume consignar individualmente os usos de todas as particulas. Notamos os casos mais importantes que offerecem margem á analyse da syntaxe historica, ou indicam qualquer uso notavel. Leiam o que se encontra a proposito na *Selecta Classica* e no *Dicc. gramm.* do autor.

(2) Confirmando essa doutrina, annota o douto philologo Firmino Costa, a respeito da repetição de *mesmo*:

“Segundo a regra que dá o Sr. Freire da Silva, á pag. 361 da sua *Grammatica*, o *adjectivo mesmo* não se repete, se estiver determinando mas de um substantivo consecutivo, ainda

1. — QUANTIDADE

A quantidade pôde ser expressa pelo adverbio: comeu *muito*; *assaz* se divertiu; foi *só*.

Junto ao nome, o adverbio de quantidade torna-se um simples adjectivo variavel:

Tem *poucas* cousas.
Houve *muitas* delongas.
Fomos nós *sós*.

No seculo XVI, segundo affirma João de Barros na sua *Grammatica*, existia esta construcção adverbial:

Pouco de proveito.
Assaz de dinheiro.

E ainda hoje dizemos *uma pouca de agua*; *muito de tudo*. A syntaxe quinhentista anda já olvidada e diz-se vulgarmente: *pouco proveito*, *bastante dinheiro*, etc.

Na lingua antiga usava-se o adjectivo *melhor* como simples adverbio de quantidade. Eis a syntaxe que ocorre no Livro de Linh. do Coll. dos Nobres — Cap. *Batalha de Salado*:

“E’ d’hu elle era a tá hu era El-Rei Aboacem ha *melhor* de quatrocentas leguas.”

E’ do seculo XV. (1)

que de generos differentes. Esta regra não se baseia nos bons escriptos da lingua, e entre outros bastam para contestal-a os exemplos seguintes: “Christo Jesus, que é a mesma santidade, a mesma mansidão e o mesmo amor”. Bernardez, Ex. Esp., II, 231. “Tinha nas instituições lacedemonias o mesmo logar e a mesma significação moral.” Lat. Coelho, *Oração da Corôa*, introd.”

(1) “E d’onde elle estava até o logar onde estava El-rei havia *mais* de 400 leguas.” Compare-se com o exemplo de Barros, já citado: “*melhor* remeira.” E’ uso tambem, recordado embora raras vezes, na syntaxe de quinhentistas e seiscentistas, conforme annota aqui Firmino Costa: “Andou esta gente ao longo do rio, que sae da alagôa, *melhor* de trinta leguas.” *Chronica da Comp. de Jesus*, de S. Vasconcellos, L. “Uma machina que custa da nossa moeda o *melhor* de doze mil cruzados.” Vieira, *Cartas*, I, 357.

2. — COMPARAÇÃO

O uso comparativo exige os complementos *de*, *do que*, *que*: mais bello *do que* prudente; maior *de* todos, *tão* rico *quam* poderoso ou *quanto* poderoso, etc. (1)

— Usa-se o comparativo quando o epitheto é insufficiente: *mais que* criminoso, *mais que* ignorante.

— A correlação de *tão* faz-se com *que* ou *qual* antes da proposição:

“*Tão cheirosa que* rescendia em toda a floresta.”

“*Tão suave, domestica, benina.*”

“*Qual ferida lh'a tinha já Erycina.*” (2)

Não pôde ser aconselhado o uso que nos depara a *Vida do Arcebispo*, quando nella se lê:

“Proposição é essa prejudicial; não a poderia ap-
provar senão quem fôr tão desatinado que com
pertinacia queira defender outra *tão* falsa e er-
rada *tão* como ella.”

Em *tão-como*, da mesma sorte que com o comparativo de *mais* podia-se usar na linguagem antiga o caso obliquo do pronome no segundo termo:

Por que *tal* fui como a *ti*.

Mais que mim, melhor que ti, era syntaxe antiga, hoje obsoleita: — *mais que eu, melhor que tu* — é como dizemos agora.

(1) A respeito dos comparativos *melhor* e *peior* como ad-
verbios, escreve-me Firmino Costa:

“As grammaticas dos Srs. Freire da Silva (6.^a edição, pag. 390), Ribeiro de Vasconcellos (pag 213) e Maximino Maciel (3.^a ed., pag. 152) ensinam que ás fórmulas *melhor* e *peior* se devem substituir pelas expressões *mais bem* e *mais mal*, antes dos participios passados. A leitura dos classicos nos mostra, porém, que não é errado em taes casos o emprego de *peior* e *melhor*.”

“O cavalleiro Triste estava *peor ferido* e trazia as armas mais desfeitas.” Palmeirim, I, 377. “Disse entre dentes certas palavras mal pronunciadas e *peor entendidas*.” *Chronica da Comp. de Jesus*, Cl. Outro biographo, *peor informado*, diz du-que.” Castello Branco, *Suicida*, pag. 7. “Mal mantido, mal albergado e *peior recebido*.” Castilho, *Colloquios*, 212.”

(2) Apud — Ferr. Jun, *Gramm.*, 1850, pag, 120.

— São fórmulas comparativas — *tal qual, tal e qual, tal qualmente* — de uso autorizado nos bons escriptores.

A comparação, quando é feita pelo superlativo, exige o artigo:

“O mais bello dos caracteres.”

Em alguns casos, raros no portuguez e no castelhano, é de notar-se o superlativo de fôrma synthetica:

O prudentissimo dos homens.

E' um latinismo (*maximus oratorum*) que se acha admitido em varias expressões: *a infima das classes; o minimo dos seres.*

— Exemplos de gráo emphatico pela reduplicação das particulas encontram-se nos escriptores do seculo XV, nomeadamente em Fernão Lopez:

“Gente de pé mui muita.” — Chron. 199.

E tambem em Gil Vicente:

Dos mui muito ciumes
Nasce o mui muito amor.

Como notou Julio Moreira.

Facto importante da syntaxe historica era a construcção do comparativo de *tão*, analogo ao processo usual do francez *si... que*:

“E era *assi* alcantilado o logar do baluarte, *que* as náos tinham alli seu proiz.” (Barros, II, VII, 8.)

3. — FORMAS CONTRACTAS

Mui exprime o gráo, e *muito* exprime o gráo e tambem a quantidade: *muitas e mui distinctas pessoas.*

Tam e quam exprimem qualidade: *tam* formoso; *quam* varias são as flôres! *Tão bella quanto* merece.

Tanto, quanto, exprimem de ordinario quantidade: *tanto possue, quanto cobiça.* Na comparação precedem, as mais das vezes, proposições.

As fórmulas contractas sempre precedem adjectivos; as fórmulas completas tornam-se adjectivos e precedem ou podem preceder os substantivos.

Recentemente contrae-se em *recem* (algumas vezes e antes de adjectivos). (1)

4. — NEGAÇÃO E DUVIDA

Em portuguez ha duas maneiras de *negação*.

Negação simples. — Indica apenas o contrario da affirmação: *não amo; não estudei a lição*.

Negação reforçada. — Indica a negação com termos accessorios que a tornam emphatica:

Não vi cousa alguma.

Não vi nada.

Cousa nenhuma eu vi.

Não quero, não.

Não queria nunca.

Nunca jámais o saberá.

O francez possui os accessorios *pas, point, rien*, etc.

Em portuguez, o accessorio mais curioso da negativa é o adjectivo *nada*, do latim *natus* (nascido).

Usava-se primitivamente a fórmula *rem nada* (*rem natam* = cousa nascida).

Esta phrase era usada de varias fórmulas: *cousa nada, rem nada e homem nado*.

Homem nado não viu isto.

= Nenhum homem...

No antigo portuguez, empregava-se isoladamente o termo *rem*:

Não digas *rem*

= Não digas cousa.

Eis um exemplo do seculo XVI, do Livro de Linhagens do Coll. dos Nobres, na descripção da *Batalha de Salado*: "Mays todo esto nom lhe valia *ren*".

(1) *Apenas* (fr. *à peine*) representa talvez uma fórmula elliptica. O castelhano possui: *a malas penas, a duras penas*, sempre usado por Cervantes.